

Américo Venâncio Lopes Machado Filho

***Dicionário Etimológico do Português
Arcaico: ampliação da nomenclatura***

Salvador
2013

Américo Venâncio Lopes Machado Filho

***Dicionário Etimológico do Português
Arcaico: ampliação da nomenclatura***

Projeto de pesquisa apresentado ao Comitê Assessor de Letras e Linguística do CNPq, com vistas à solicitação de Bolsa de Produtividade de Pesquisa, chamada PQ 2013.

Área de conhecimento: Linguística
Histórica.

Salvador
2013

Justificativa/objetivos

No âmbito das ciências da linguagem, a Linguística Histórica tem, hoje, representado um papel de relevância no cenário dos estudos linguísticos, sobretudo no desenvolvimento de pesquisas voltadas à reconstrução da trajetória histórica de formação da língua portuguesa, tendo estas – após um certo período de ostracismo a que se submeteu no Brasil – recrudescido no espectro da investigação empírica, em que passou a concentrar esforços na perspectiva de constituição de *corpora* linguísticos e de elaboração de trabalhos de investigação com descrições e análises.

Uma larga frente de prospecção documental tem-se estabelecido em diversas instituições de pesquisa no País, em prol do desenvolvimento de um trabalho de levantamento de fontes arquivísticas primárias, de variegados gêneros textuais, que se possam constituir em material fiável para o conhecimento mais preciso dos diversos fenômenos de variação e mudança por que passou a língua portuguesa em sua larga trajetória, quer em solo brasileiro, quer nas suas origens mais recuadas, no período arcaico.

Das instituições de ensino da esfera pública brasileira que conservaram o antigo legado de elaboração de trabalhos relacionados à área da Linguística Histórica, pode-se apontar, inequivocamente – mas sem desconhecer a existência de outros centros de excelência no País –, a Universidade Federal da Bahia (UFBA), cuja tradição de pesquisa sobre o passado da língua tem-se evidenciado.

Muitos têm sido os trabalhos elaborados sobre a história da língua portuguesa no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da UFBA (PPGLinC), que, na área de Linguística Histórica, comporta três distintas linhas de investigação e a que se filiam grupos consolidados e reconhecidos pelos órgãos de fomento à pesquisa do País, a exemplo do *Programa para a História da Língua Portuguesa* – PROHPOR, que foi coordenado de 1991 a 2012, pela Professora Doutora Rosa Virgínia Mattos e Silva e inserido na Linha de Pesquisa *Constituição Histórica da Língua Portuguesa* do antes citado Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura. Depois do falecimento dessa expoente linguista, em julho

de 2012, a necessidade de manutenção de parte de seu trabalho promoveu a criação de um novo Grupo de Pesquisa, denominado *Nêmesis* (Estudos do Léxico e da História da Língua Portuguesa), devidamente certificado pela Universidade Federal da Bahia e integrante do Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq.

Entre os trabalhos de investigação científica, produzidos no espectro das linhas de pesquisa adotadas como herança do PROHPOR pelo Nêmesis, muitos têm-se relacionado com o trabalho de edição de textos antigos e posterior aproveitamento para trabalhos de natureza lexicográfica, tendência que se tem confirmado pela demanda crescente de novos alunos da Pós-Graduação, assim como de Iniciação Científica da Graduação, interessados na reconstrução do passado linguístico do português e em especial do seu léxico.

Ademais, os projetos individuais e coletivos do Grupo têm sempre caminhado no sentido de operar, não apenas com o trabalho de viés filológico, mas sobretudo para a construção de obras lexicográficas variacionais e históricas, a exemplo do *Projeto DEPARC*, apoiado financeiramente pelo CNPq, que, na perspectiva de elaboração de um grande dicionário etimológico do português arcaico, tem por base a construção continuada de *corpora* informatizados, cujos textos integrantes, literários e não-literários, devem ter sido produzidos entre os séculos XIII e meados do XVI. Esse cenário tem demandado dos pesquisadores da UFBA, o trabalho de descoberta de novas fontes, assim como sua especialização em métodos e conhecimentos de suporte à edição de textos e de lexicografia histórica.

Convém, entretanto, registrar que se insere, também, nessa perspectiva de investigação do *Nêmesis*, o Projeto Dicionário Dialectal Brasileiro (com base nos dados do AliB – Atlas Linguístico do Brasil), ainda em fase de definição de metodologia.

Entre as produções filológicas de pesquisadores da UFBA, que hoje integram o *Banco Informatizado de Textos* – base documental do *Projeto Dicionário Etimológico do Português Arcaico* (Projeto Deparc), encontram-se, dentre muitos outros, as edições dos manuscritos Serafim da Silva Neto, conjunto de textos datáveis do século XIV, espólio

considerado o mais antigo escrito em língua portuguesa existente no Brasil, composto do *Livro das Aves* (publicado em 1965, pelo Instituto Nacional do Livro, de autoria de Nelson Rossi), um *Flos Sanctorum* (editado por Machado Filho, 2003, cuja edição foi publicada pela Editora da Universidade de Brasília, em 2009) e os *Diálogos de São Gregório* (editados criticamente por Mattos e Silva, em 1971).

Para a edição crítica deste último documento, Mattos e Silva (1971) serviu-se das versões portuguesas então conhecidas: a mais antiga do século XIV (ms. Serafim da Silva Neto), considerada como texto de base, identificado como versão A – e mais duas: o códice alcobacense XXXVI/181, datado de 1416, e o códice alcobacense XXXVII/182, com datação provável entre os finais do século XIV e meados do XVI, arrolados pela autora como versões C e B respectivamente, cuja relação genética aproxima mais as duas primeiras, do que a última, de ambas.

Embora óbvio, é relevante expressar que os *Diálogos de São Gregório* "são considerados fonte histórica preciosa" (MATTOS E SILVA, 1971, p. 06), não apenas por espelhar "valores da sociedade italiana do século VI", que compõem sua narrativa, mas especialmente pelo valor documental linguístico em português que exibem, tendo já servidos de fonte e *corpus* para diversos estudos e análises linguísticas, desenvolvidos por pesquisadores de diversas correntes teóricas, no Brasil e no exterior, a exemplo do trabalho de Paul Teyssier (1981), referência para o entendimento dos dêiticos espaciais na história do português.

Entrementes, em 1991, o professor Arthur Askins, da Universidade da Califórnia (Berkeley), tornou pública a "existência de outra versão em português (...), no Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo (ms. da Liv. 522)", que acreditava ter sido produzida no século XV ou XIV (MATTOS E SILVA, 1993, p. 215-16).

A partir dessa descoberta, o campo bibliográfico ideal desse texto – nos termos adotados por Castro e Ramos (1986) – passou a demandar, portanto, a necessidade de uma nova leitura crítica desse material, com vistas ao estabelecimento do que se convencionou chamar

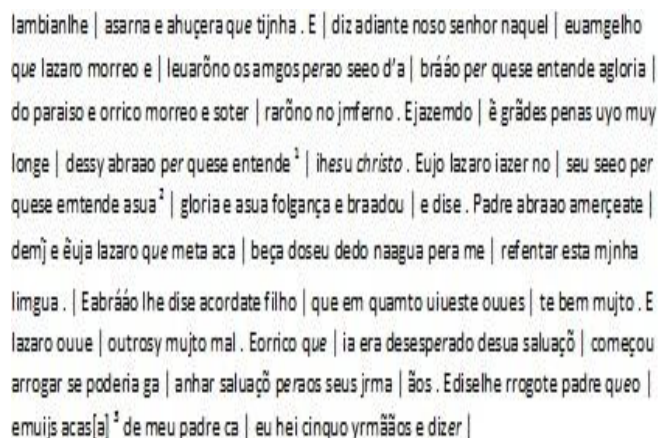
de “solidariedade” com as edições já existentes, ampliando, sobremaneira, as variantes textuais patentes na pesquisa de Mattos e Silva (1971), assim como a possibilidade de formulação da tradição dessa obra em português no entendimento da árvore genealógica ou *stemma*, a que se condicionava cada testemunho.

A edição diplomática desse raro manuscrito descoberto na Torre do Tombo foi realizada durante o ano de 2006, por Machado Filho, sob a supervisão da Professora Doutora Clarinda de Azevedo Maia, Catedrática de Linguística Portuguesa da Universidade de Coimbra, como atividade principal do Programa de Pós-Doutoramento intitulado *Prospecção documental, Paleografia e Edição de "Os Diálogos de São Gregório" (Ms. da Livraria Alcobacense 522, IANTT)*, com financiamento do CNPq, cujos resultados já se encontram publicados pela Editora da Universidade Federal da Bahia – EDUFBA (cf. MACHADO FILHO, 2008).

De dimensão e características paleográficas praticamente desconhecidas, até então, já que, como antes referido, a difusão de sua descoberta na Torre do Tombo por Arthur Askins, só veio a ser publicada muito resumidamente, no *Dicionário de literatura medieval galega e portuguesa*, (LANCIANI; TAVANI (orgs.), 1993, p. 215-216) – nomeadamente no verbete de autoria de Rosa Virgínia Mattos e Silva, relativo aos *Diálogos de São Gregório* –, o *Manuscrito da Livraria 522*, em face de seu ineditismo e, sobretudo, em função da tradição filológica praticada na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, mereceu no referido Programa de Pós-Doutoramento uma edição mais conservadora do que a anteriormente prevista no projeto original, que pressupunha uma leitura interpretativa ou semidiplomática da obra. A edição diplomática, quando realizada com o exigido rigor, traz, obviamente, a grande vantagem de servir de base para novas lições que, porventura, possa vir a demandar o campo bibliográfico ideal de uma determinada obra.

Não obstante, no caso específico dos *Diálogos de São Gregório* (Ms. da Livraria 522), a decisão, conquanto prudente e acertada, obstou a consecução imediata de um dos objetivos definidos no Projeto – a possibilidade de ampliação do aparato crítico existente dessa tradição em língua portuguesa, elaborado por Mattos e Silva em seu citado trabalho de

1971 –, para além de ter inviabilizado o seu aproveitamento enquanto *corpus* para a lexicografia histórica, nomeadamente, para seu aproveitamento pelo Projeto Deparc (Dicionário Etimológico do Português Arcaico), já que as unidades vocabulares não correspondem ao padrão de grafia atual, como se pode observar na figura abaixo.



lambianhe | asarna e ahuçera que tijnha . E | diz adiante noso senhor naquel | euangelho
que lazaro morreo e | leuarõno os amgos perao seeo d'a | brááo per que se entende agloria |
do paraíso e orrico morreo e soter | rarõno no jnferno . Ejazemdo | è grãdes penas uyo muy
longe | dessy abraao per que se entende ¹ | ihesu christo . Eujo lazaro iazer no | seu seeo per
que se emtende asua ² | gloria e asua folgança e braadou | e dise . Padre abraao amerçate |
demj e èuja lazaro que meta aca | beça doseu dedo naagua pera me | refentar esta mjnha
lingua . | Ebraáo lhe dise acordate filho | que em quanto uiueste ouues | te bem mujto . E
lazaro ouue | outrosy mujto mal . Eorrico que | ia era desesperado desua saluação | começou
arrogar se poderia ga | anhar saluação peraos seus jrma | ãos . Ediselve rrogote padre queo |
emuijs acas[a] ³ de meu padre ca | eu hei cinco yrmããos e dizer |

Figura 1: Excerto do fólio 97vC2 da edição diplomática dos Diálogos de São Gregório (MACHADO FILHO, 2008, p. 212)

Como se pode notar na figura acima, a grafia dos vocábulos inviabiliza o processamento do texto a partir de fragmentadores e concordanciadores lexicográficos, utilizados como suporte para tratamento informatizado de dados, a exemplo do WordSmith 4.0, em função de alguns vocábulos aparecerem graficamente separados ou, por vezes, unidos a outros, sobretudo determinantes e clíticos, o que sinaliza para a inadequação desse tipo de edição para o trabalho lexicográfico pretendido.

A edição diplomática do *Manuscrito da Livraria 522*, já publicada, como antes referido, é composta de 192 páginas totais impressas no formato 18x25cm, para além dos textos pré e pós-editoriais compostos de uma introdução, de um item relacionado ao Papa Gregório Magno e de sua produção escrita, especialmente à sua obra *Diálogos*, de uma proposta de relação estemática entre os testemunhos conhecidos dessa tradição, da caracterização paleográfica e codicológica do manuscrito, de uma breve caracterização linguística e grafemática do códice, de um tópico em que se discute a eterna questão da adoção de critérios editoriais, de uma parte relativa a apresentação das normas adotadas, além, é claro,

das referências bibliográficas, ao final do volume.

Objetiva-se, pois, com o presente projeto, proceder, a partir dessa base documental, à elaboração de uma edição interpretativa ou semidiplomática (como preferem alguns chamar) desse legado textual medieval, com vistas à ampliação do aparato crítico apresentado por Mattos e Silva em 1971 sobre a tradição dos *Diálogos de São Gregório* em língua portuguesa, além de permitir o processamento lexicográfico desse documento, no sentido de elaborar um vocabulário exaustivo, que possa ser integrado ao Projeto Deparc (Dicionário Etimológico do Português Arcaico), ampliando-lhe consideravelmente a nomenclatura ora existente. Registre-se que já se encontram no prelo o *Pequeno vocabulário do português arcaico*, de autoria de Machado Filho, a sair pela Editora da Universidade de Brasília, em dezembro de 2013, com base no vocabulário do *Flos Sanctorum*, antes referido, e o primeiro volume do *Dicionário Etimológico do Português Arcaico*, de mesma autoria, com publicação pela Editora da Universidade Federal da Bahia.

Metodologia

Proceder a uma nova leitura de um texto antigo, notadamente de um texto medieval religioso, exige, antes de tudo, cautela e controle, já que seu resultado não só se refletiria no espectro dos estudos linguísticos, como dos literários, afinal é a filologia textual “um terreno repleto de armadilhas de todo o tipo, por meio das quais é preciso andar sempre com o maior cuidado”, como afirma Tavani (1993, p. 571).

Sabe-se que “os estudiosos da ‘scriptologia’ medieval portuguesa se defrontam com uma verdadeira floresta de variantes léxicas” (ARAÚJO, 1995, p. 431), que fazem com que o trabalho de uma edição se torne ainda mais criterioso, isto é, uma, por assim dizer, “operação sobremaneira delicada” (MAIA, 1986, p. x), pois independentemente da natureza da edição, se mais ou menos conservadora, qualquer leitura pode representar o risco de poder distorcer o passado.

Mas embora o texto original, se por um lado reclama seus próprios critérios de

conservação, a época para a qual se migram sua textura e conteúdos exige atitudes renovadoras de seu editor. Critérios que o possam aproximar, dentro do possível, da grafia atual, sem comprometer as características linguísticas do passado que se pretende observar.

Por isso se propõe, com este trabalho conservar os índices linguísticos, já patentes na edição diplomática, e, dentro do possível, os paleográficos do original – avançando, entretanto, para uma leitura que se convencionou aqui chamar de “interpretativa”, já que, criteriosamente, busque resolver, a partir de uma interpretação analítica, dificuldades de leitura que porventura possa vir a ter o estudioso da língua ou da literatura pouco acostumado com a grafia do português arcaico, ou, como diria Castro (1973, p. 05), uma edição que possa “colocar os textos ao alcance de um público relativamente vasto e não preparado filologicamente para enfrentar os textos medievais à vista desarmada”.

Obviamente, esses critérios devem corresponder aos previamente definidos por Mattos e Silva, em 1971, já que pretende servir como variante textual a ser considerada na complementação do aparato crítico existente, como antes delineado.

Assim, os princípios metodológicos que nortearão o trabalho obedecerão os seguintes critérios de edição, consoantes aos propostos por Mattos e Silva (1971, pp. 105-109), com os devidos ajustes que se fizerem pronunciar pelas características particulares do texto:

a) Critérios relacionados à edição do texto:

- Indicação à margem da identificação do fôlio, coluna e linha.
- Desenvolvimento das abreviaturas.
- Os acréscimos necessários deverão ser identificados por grifos.
- Supressões indicadas e esclarecidas no aparato crítico.
- Palavras unidas serão separadas, consoante ao padrão do português contemporâneo, conservando-se, contudo, as particularidades mórficas de elementos que se encontrem hoje em desuso na língua.
- A pontuação será adequada aos padrões modernos.

– A grafia será regularizada quando não provoque obturação de natureza que inviabilize sua utilização como material de análise linguística do período a que se refere, seguindo-se as bases anteriormente propostas.

b) Critérios relacionados à composição do aparato crítico:

– Serão indicadas todas as divergências do texto editado em relação às outras versões e ao texto de base.

– Acréscimos e supressões resultantes de decisões editoriais serão apresentadas.

– Dentro do possível, serão apresentados os índices paleográficos do original.

Quanto ao trabalho de elaboração do vocabulário exaustivo da obra, que servirá de fonte para a ampliação do Dicionário Etimológico do Português Arcaico, há-de se considerar que esse período histórico da língua é, como se sabe, um momento em que “ainda não se explicitara a norma, os padrões de uso prestigiado, estabelecidos pelos gramáticos” (MATTOS E SILVA, 2006, p. 17), que só viriam, a partir do século XVI, a se manifestar.

Essa perspectiva faz do trabalho lexicográfico histórico um campo de pesquisa deveras idiossincrático, já que, diferentemente da Lexicografia contemporânea, a conservação da diversidade de usos, isto é, o pleno registro da variação, sobretudo gráfica, se torna baliza norteadora na construção de dicionários desse momento da língua, em detrimento ao princípio linguístico de seleção baseado em frequências de uso. O processo de lematização de unidades lexicais deve, nesse caso, portanto, desviar-se dos preceitos da canonização dos signos lexicais.

A conformação lexicográfica das lexias deve ganhar contornos lexicais, não exclusivamente pela sua “face neutra”, mas também pela variedade das formas, simples, compostas, complexas ou textuais que possam ocorrer sem correspondente morfológico canônico, à exceção, obviamente, dos verbos, que, por exibirem um comportamento flexional bastante produtivo, podem e devem conformar-se, quando possível, aos ditames tradicionais de lematização.

O desenho da macroestrutura do vocabulário, a mesma adotada pelo *Dicionário etimológico do português arcaico*, deve, então, privilegiar um sistema de remissão, de alguma forma perdulário, que possa arcar com grande parte da proliferação gráfica existente, sem deixar de permitir ao público-alvo uma consulta rápida e eficaz às unidades léxicas de seu interesse, possibilitando, ainda, que o desconhecimento da forma ou das formas gráficas de lexias daquele período – que de alguma forma possam ter sido alteradas substancialmente com o tempo, a ponto de não mais serem identificadas no presente – não oblitere sua pesquisa.

Assim, a nomenclatura deve comportar não apenas toda a variação que venha a ser detectada no *corpus*, mas, também, fomentar uma estratégia de “falsas entradas” em português moderno – somente quando necessárias – devidamente sinalizadas com indicadores estruturais, tipográficos e não-tipográficos, como elementos facilitadores de consulta.

No tocante à definição, que, para a grande maioria dos metalexícógrafos – a exemplo de Guilbert (1969, p. 29) –, é o elemento primordial, basilar e indissociável de qualquer dicionário, embora fosse desejável que se pudesse obedecer ao que prega a Lexicografia moderna, para que, entre os vários tipos de definição, a “hiperonímica constitui o modelo ideal” (cf. BIDERMAN, 1993, p. 29) – isto é, aquela que, com base na Lexicologia estrutural, se compõe a partir do gênero próximo e das diferenças específicas de cada item lexical –, a distância temporal que se interpõe entre o linguista histórico e o léxico de certa forma pulveriza o quadro sêmico que se pretende construir em sua completude.

Considerando que “a comunicação é um ato e, por isso mesmo, é sobretudo escolha” e que no “interior de um universo significante a partir do qual opera, escolhe cada vez certas significações e exclui outras” (cf. GREIMAS, 1966, p. 36, aqui traduzido), recuperar a organização do conteúdo lexical total de item no uso sociolinguístico, em um momento específico da história, traduz-se como pouco plausível, “se se considerar o nível de imprecisão a que se poderia chegar em relação ao próprio nível de conhecimento

fragmentário que se tem da sincronia que se pretende (...) caracterizar” na distribuição da diacronia em foco (MACHADO FILHO, 2003, p. 21). Por isso, se opta por recorrer, mais frequentemente, à estratégia da – com razão, tão combatida pela Lexicografia moderna – definição sinonímica, a partir da observação das acepções contextuais, recorrendo-se, todavia, a paráfrases hiperonímicas, quando possível.

Por se tratar de um vocabulário de verve histórica e de concepção etimológica, a estrutura dos sentidos ou acepções a ser adotada é a linear (*flat structure*), em ordenação eminentemente cronológica, em que se obedece a trajetória semântica do item definido, em face da sua ocorrência temporal no *corpus*.

A microestrutura básica do verbete obedece à conformação do diagrama abaixo,

```
<lema/> <lema\><lema secund./> ~ - <lema secund.\><clas./> .<clas.\><etim./> ( ) <etim.\>
<fonte etim./> x <fonte etim.\> (<remis./> → .<remis.\><def./> ‘ ’<def.\>; <def./> ‘ ’.
<def.\>) <data/tx/loc/> [ ]<data/tx/loc\><abon./> <abon.\>(<data/tx/loc/> [ ]
<data/tx/loc\><abon.\> (...) x (...) <abon.\>),
```

em que o lema, delocado em 1 cm à esquerda, é, em caso de variação gráfica, seguido dos lemas secundários, indicados pelo sinal do til; pela classificação gramatical abreviada por ponto; pela etimologia entre parênteses, a que se apõe a fonte de pesquisa abreviada e em sobrescrito; pela remissão, quando se justifique, indicada por seta e fechada por ponto; pela definição ou definições entre apóstrofes, separadas por ponto-e-vírgula e fechadas por ponto; pela datação, pela indicação do texto de que se extrai a abonação e localização da página, linha ou coluna no original, entre colchetes; e por cada abonação correspondente, com o item em negrito, fechada por ponto final.

Embora acreditem alguns teóricos, a exemplo de Barbosa (apud WELKER, 2004, p. 107) que a microestrutura deva corresponder a um “programa e a um código de informações aplicáveis a qualquer entrada”, para o desenvolvimento de um vocabulário histórico nos moldes do ora proposto esse posicionamento se torna contraproducente, no sentido em que, em diversos momentos, a entrada deve ser composta, unicamente, de um lema com indicação remissiva. Ademais, verbos, assim como outros elementos gramaticais, a exemplo de formas dependentes, não devem ter o mesmo tratamento, já que, em relação

aos primeiros, interessa à história da língua identificar e registrar as manifestações flexionais diacrônicas que se salvaguardaram nos textos antigos e, no que concerne a formas dependentes – esvaziadas de conteúdo extralinguístico –, o enunciado definitório se dá por inferência à sua categoria gramatical.

Em decorrência desse posicionamento, os verbos merecem no planejamento um estrutura diferenciada dos outros itens lexicais.

Abaixo exemplificam-se, tomando-se de empréstimo o modelo adotado pelo Projeto Deparc, o formato dos verbetes de formas nominais, formas verbais, de formas meramente remissivas e das “falsas entradas” antes referidas, através de alguns fragmentos:

abade ~ **abbade** – sm. (< lat. *abbātem*)^h. ‘prelado responsável por uma abadia’. [1214/tasl/7] E mão q(ue) o **abade** d’Alcobaza lis de aq(ue)sta dezima q(ue) el ten ou teiuer. [xiii/frac/96v] [T]oda carta q(ue) seya feyta ante alguus e seya y posto seello del rey ou de arçabispo ou de bispo ou d(e) **abade** ou d(e) prior ou d(e) concello ou de pessoa conhoçada por testimonho, esta ualla, fora se aquel (contra) quē for feyta |a|a carta a poder desfaz(er) cū dereyto. [xiii/frac/145r] E possam o monge q(ue)rellar a sseu **abbade** ou a seu mayor so cuyo poder é. [xiv/flos/13vc1] estes lavravam e gaanhavam e colhiam seu pam e envyavam ende a muy mayor parte a este **abade** que a metesse em prol dos pobres.

.....
abbade → abade.

.....
espedir-se ~ **espidir-se** – v. (< lat. *expetĕre*)^m. ‘despedir-se’; ‘ir embora’; ‘dispensar’. || INF [xiii/frac/120r] E mãdamos que o senhur de que alguu fidalgo **se quiser espedir** nõ lhy faça por en outro mal, senõ que lhy demãde seu dereyto se quiser e nõno deoste nõ uilte por en. [xiii/frac/120r] Todo vassallo despoys que **se espidir** de seu senhor e non lhy quiser tornar as armas nen os caualos *que* del ouue, possam <o> senhor retar polhas lorigas. [xiii/frac/119v]: E quando quiser **espedirse** del beygelhy a mão [...] ao senhor de que se espede e digalhy: foan tal caualeyro uos mãda beygar a maaõ e **espedirse** de uos *per* mi. || IP3 [xiii/frac/119v] E quando quiser **espedirse** del beygelhy a mão [...] ao senhor de que **se espede** e digalhy: foan tal caualeyro uos mãda beygar a maaõ e **espedirse** de uos *per* mi. [xiv/flos/13vc1] mais quando ha de morrer conhoce sa morte e dize-o a todolos frades e **espede-se** deles e morre e dá sa alma a deus. || IPP3 [xiv/flos/32rc2] ele pois que se maenfestou e ordiõu seu testamento e **espediu-se** a seus amigos, e a primeira noyte que veo sayu-lhi a alma do corpo. || IPP6 [xiv/flos/37vc2] e pois aqueles maaõs conselheiros virom que rem nõ podiam acabar daquelo por que veerom, **espidirom-se** do sancto bispo e do governador e foram-se muyto amaros e muyto tristes pera sa casa.

.....
espidir-se → espedir-se.

.....
[sapatos] → çapatos.

.....
çapatos – sm. pl. (< origem obscura, talvez do turco *çapata*)^g. ‘calçado, em geral de sola dura, que cobre o pé, parcial ou completamente.’ [xiv/flos/62rc2] na terra d’ouriente hu os clerigos sõ

sem pecado casados, foram dous clérigos e viviam per fazer **çapatos** e eram vezinhos huus doutros.

.....

Como se pode perceber na análise dos exemplos acima, o sistema de abonação dos verbos vai obedecer a uma dinâmica própria que procura apresentar ao consulente todas as possibilidades de flexão verbal detectada no *corpus*, a partir de uma hierarquia racional, em que modo, tempo e pessoa (obviamente apenas as formas detectadas) serão indicados pelas abreviaturas correspondentes, após barras verticais.

As chamadas “falsas entradas” remissivas, acima representadas pelo provável verbete [*sapatos*] → *çapatos*, indicam que, embora a lexia pesquisada possa não estar atestada na forma gráfica que se encontra patente entre os colchetes, a sua correspondente histórica estará devidamente lematizada no vocabulário, conquanto em forma morfológica de plural, não-canônica, portanto, em função da possibilidade de ocorrer quiçá apenas com essa configuração linguística no *corpus*.

Esse posicionamento busca colocar a consulta também ao alcance de um público não-especialista em Idade Média portuguesa, como antes advertido, evitando que formas possíveis e esperadas formas como *seer* (*ser*), *hymno* (*hino*), *erdeyro* (*herdeiro*), *sagramento* (*sacramento*), entre muitas outras, possam ser ignoradas no processo de pesquisa, em função da ordenação alfabética linear.

Cronograma previsto de trabalho

Março de 2014 a dezembro de 2014: elaboração da edição interpretativa.

Janeiro de 2015 a março de 2015: fragmentação da edição interpretativa e análise dos signos lemáticos.

Abril de 2015 a setembro de 2015: lematização das unidades lexicais.

Outubro de 2015 a março de 2016: pesquisa etimológica das entradas e elaboração das definições.

Abril de 2016 a setembro de 2016: composição e revisão final dos verbetes.

Outubro de 2016 a dezembro de 2016: Ampliação do aparato crítico proposto por Mattos e Silva (1971).

Janeiro de 2017: redação do *front matter* do vocabulário e incorporação ao DEPARC.

Fevereiro de 2017: revisão final e elaboração do relatório da pesquisa.

Resultados esperados

A realização do projeto de pesquisa proposto assegura, inicialmente, a expansão dos acervos documentais brasileiros sobre esse período recuado da língua portuguesa, especialmente para utilização como material de análises linguísticas e de consulta lexicográfica e lexicológica.

Ademais, em função de o vocabulário exaustivo proposto obedecer aos mesmos ditames metodológicos do Projeto DEPARC (Dicionário Etimológico do Português Arcaico), procura servir, complementarmente, a esse Projeto em desenvolvimento no Nêmesis (Estudos do Léxico e da História da Língua Portuguesa), no sentido da construção em curso de uma nova tradição na área da Linguística Histórica, *i.e.*, dos estudos do léxico em perspectiva histórica na Universidade Federal da Bahia.

Obviamente, se objetiva submeter, o mais rapidamente possível após sua conclusão, ao Conselho Editorial da Editora da UFBA (EDUFBA) ou ao de outras editoras interessadas, com vistas à publicação de seus resultados, no sentido de disponibilização do material produzido para consulta, por parte de pesquisadores, quer brasileiros, quer estrangeiros, em função da sua relevância e oportunidade.

Referências

ARAÚJO, Antônio Martins. Breve notícia da ortografia portuguesa. In: PEREIRA, Cilene; PEREIRA, Paulo Roberto. *Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. 431-448

BIDERMAN, Maria Tereza. A definição lexicográfica. *Terminologia*, Porto Alegre, n. 10, 1993. pp. 23-43.

CASTRO, Ivo; RAMOS, Maria Ana. Estratégias e tática da transcrição. In: COLLOQUE CRITIQUE TEXTUELLE PORTUGAISE, 1981, Paris. *Actes...* Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996. p. 99-122.

- CASTRO, Maria Helena et al. Normas de transcrição para textos medievais portugueses. *Boletim de Filologia.*, n. 12, Lisboa, p. 417-425, 1973.
- GREIMAS, A. *Sémantique structurale : recherche de méthode*. Paris : Larousse, 1966.
- GUILBERT, Louis. Dictionnaires et linguistique: essai de typologie des dictionnaires monolingues français contemporains. *Langue Française*, 2 : 04-29, 1969.
- LANCIANI, Giulia; TAVANI, Giuseppe (orgs.). *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1993.
- MACHADO FILHO, Américo. *Um flos sanctorum do século XIV: edições, glossário e estudo linguístico*. Salvador: Universidade Federal da Bahia. Tese de Doutorado, 2003.
- MACHADO FILHO, Américo. *Diálogos de São Gregório: edição e estudo de um manuscrito medieval*. Salvador: Edufba, 2008.
- MACHADO FILHO, Américo. *Um flos sanctorum trecentista em português*. Brasília: Editora UnB, 2009.
- MAIA, Clarinda de A. *História do galego-português: estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI* (Com referência ao galego moderno). Coimbra: INIC, 1986.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *A mais antiga versão portuguesa dos “Quatro livros dos diálogos de São Gregório”*. Edição crítica com Introdução e Índice geral das palavras lexicais. São Paulo: Universidade de São Paulo. Tese de Doutorado. Inédita, 1971.
- MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. Diálogos de São Gregório. In: LANCIANI, Giulia; TAVANI, Giuseppe (orgs.). *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1993. p. 215-16.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.
- ROSSI, Nelson et al. *Livro das aves*. Rio de Janeiro: INL, 1965.
- TAVANI, Giuseppe. A recuperação do texto. In: *Estudos universitários de língua e literatura; homenagem ao prof. dr. Leodegário de Azevedo Filho*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993. p. 565-572.
- TEYSSIER, Paul. Le système des déictiques spatiaux en portugais aux XIV^e, XV^e et XVI^e siècles. *Cahiers de Linguistique Hispanique Médiévale*, Paris, n. 6, p. 5-39, 1981.
- WELKER, Herbert. *Dicionários uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.